

Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba

Fernando Ortiz

Tradução:

Lívia Reis

ORTIZ, Fernando. *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983: Del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba.

Comentário: Lívia Reis (UFF)

DO FENÔMENO SOCIAL DA "TRANSCULTURAÇÃO" E DE SUA IMPORTÂNCIA EM CUBA

Com o aval do leitor, especialmente daqueles interessados em estudos sociológicos, nos permitimos usar pela primeira vez o vocábulo "transculturação", sabendo que é um neologismo. Atrevemo-nos a propor este termo, para que na terminologia sociológica possa substituir, ao menos em parte, o vocábulo aculturação, cujo uso está se estendendo ultimamente.

Entende-se por aculturação o processo de trânsito de uma cultura para outra e todas suas repercussões sociais. Transculturação, porém, é um vocábulo mais apropriado.

Escolhemos transculturação para expressar os variadíssimos fenômenos que se originam em Cuba, por meio das complexas transmutações de culturas que aqui se verificam; sem conhecê-las é impossível entender a evolução do povo cubano, tanto no aspecto econômico quanto no institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, lingüístico, psicológico, sexual e nos demais aspectos da vida.

A verdadeira história de Cuba é a história de suas intrincadíssimas transculturações. Primeiro a transculturação do índio paleolítico ao neolítico, e seu desaparecimento por não se adaptar ao impacto da nova cultura castelhana.

No momento seguinte, a transculturação de uma corrente incessante de imigrantes brancos. Espanhóis, de culturas diferentes, já desgarrados como se dizia então, das sociedades ibéricas peninsulares e transplantados a um Novo Mundo, no qual, tudo era novo para eles, da natureza à humanidade, e onde tinham que reajustar-se a um novo sincretismo de culturas. Ao mesmo tempo, a transculturação de uma contínua torrente humana, de negros africanos, de etnias e culturas diversas, procedentes de todas as comarcas costeiras da África, desde o Senegal, passando pela Guiné, Congo e Angola no Atlântico, até as de Moçambique, na costa oriental do continente africano. Todos eles arrancados de seus núcleos sociais originais, com suas culturas destroçadas, oprimidas sob o peso das culturas aqui hegemônicas, como a cana de açúcar, moídas entre as rodas do moinho. E ainda mais, culturas migratórias, em ondas esporádicas ou em fluxo contínuo, fluindo ou não, oriundas dos mais variados lugares: indígenas continentais, judeus, lusitanos, anglo-saxões, franceses, norte-americanos e até mongóis amarelos de Macau, Cantão e de outras regiões do que foi o Império Celeste. Cada imigrante desarraigado de sua terra natal,

em um movimento duplo de desajuste e de reajuste, de desculturação ou exculturação e de aculturação ou inculturação, e por fim, de síntese de transculturação.

Em todos os povos, a evolução histórica significa sempre um trânsito vital de culturas a um ritmo mais ou menos lento ou rápido; mas em Cuba, foram tantas e tão diversas, em posições espaciais e categorias estruturais, as culturas que influenciaram na formação do povo, que esta imensa mestiçagem de raças e culturas sobrepuja em transcendência qualquer outro fenômeno histórico. Até mesmo os fenômenos econômicos, os mais básicos da vida social, em Cuba se confundem quase sempre com as expressões das diversas culturas. Em Cuba, dizer ciboney, taíno, espanhol, judeu, inglês, francês, anglo-americano, negro, yucateco, chinês e crioulo, não significa apenas indicar os diversos elementos formadores da nação cubana, expressos pelo uso do gentílico. Cada um deles vem a ser também a sintética e histórica denominação de uma economia e de uma cultura, das muitas que em Cuba se manifestaram sucessiva e até simultaneamente, produzindo, às vezes, os mais terríveis impactos. Recordemos aquele da "destruição das Índias", resenhado por Bartolomé de la Casas.

Toda a escala cultural que a Europa experimentou em mais de quatro milênios, em Cuba ocorreu em menos de quatro séculos. O que no velho continente se subiu por rampas e degraus, aqui se deu a saltos e sobressaltos. Primeiro foi a cultura dos ciboneyes e guanajabibes, a cultura paleolítica: nossa idade da pedra. Ou melhor, nossa idade de pedra e pau; de pedras e madeiras rústicas sem polimento, e de conchas e espinhas de peixes, que eram como pedras e puas do mar.

Posteriormente surge a cultura dos índios taínos, que eram neolíticos. É a idade da pedra polida e da madeira lavrada. Os taínos introduzem a agricultura, a vida sedentária, a abundância, o cacique e o sacerdote. Chegam por conquista e impõem a transculturação. Os ciboneyes se tornam servos naborías ou fogem para as serras e para as selvas, aos cibaos e caonaos. Em seguida um furacão de cultura. É a Europa. Chegaram juntos em um torvelinho, o ferro, a pólvora, o cavalo, o boi, a roda, a vela, a bússola, a moeda, o salário, a letra, a imprensa, o livro, o senhor, o rei, a igreja, o banqueiro...E uma vertigem revolucionária sacudiu os povos indígenas de Cuba, arrancando de roldão suas instituições e destruindo suas vidas. Em um instante se saltou da sonolenta idade da pedra à desperta idade do Renascimento. Em um único dia, em Cuba, se passaram várias idades; vários "anos-cultura", se poderia dizer, caso fosse possível utilizar tal métrica para a cronologia dos povos. Se as Índias da América foram o Novo Mundo para os povos europeus, a Europa foi o Novíssimo Mundo para os povos americanos. Foram dois mundos que reciprocamente se descobriram e se entrecrocaram. O contato das duas culturas foi terrível. Uma delas pereceu, quase totalmente, fulminada. Transculturação fracassada para os indígenas e radical e cruel para os que chegavam. A sedimentação humana indígena da sociedade, em Cuba, foi destruída a ponto de ser necessário trazer e transmigrar toda uma nova população; tanto a classe dos novos dominadores quanto a dos novos dominados. Curioso fenômeno social este de Cuba: terem sido, desde o século XVI, igualmente invasores, com a força ou à força, toda sua gente e culturas, todas exógenas, todas desgarradas, com o trauma do desarraigamento original e sua rude transplantação a uma cultura nova em criação.

Com os brancos chegou a cultura de Castela e com ela vieram os adaluzes, os portugueses, os galegos, os bascos e os catalães. Poder-se-ia dizer que toda a representação da cultura ibérica abaixo dos Pirineus. Também desde as primeiras ondas migratórias chegaram genoveses, fiorentinos, judeus, levantinos e berberiscos, isto é, a cultura mediterrânea, mistura milenar de povos e pigmentações desde os louros normandos aos negros sub-saarianos. Enquanto alguns brancos trouxeram a economia feudal, como conquistadores em busca do saque e de povos para subjugar,

outros, também brancos, vinham movidos pela economia do capitalismo mercantil e do nascente capitalismo industrial. Em várias economias que chegavam, em transição, e resolvidas entre si a sobrepor-se à outras economias, também variadas e mescladas, mas primitivas e de impossível adaptação aos brancos daquele ocaso da Idade Média. O simples cruzar dos mares lhes mudava o espírito: saíam em andrajos e perdidos, chegavam senhoriais: de dominados em sua terra, passavam a dominadores em terra alheia. Todos eles, guerreiros, frades, mercadores e aldeões, vieram em busca de aventura, desgarrados de uma sociedade velha, para se reintroduzirem em outra: nova de climas, de gente, de alimentos, de costumes, de hábitos e de sortes distintas; todos com as ambições voltadas para a riqueza, o poder e o retorno ao lugar de origem no declínio da vida; isto é, sempre com o projeto de audácia efetiva e transitória, em linha parabólica, com princípio e fim em terra estranha, e apenas uma estadia passageira e lucrativa neste país das Índias.

Não houve fatores humanos mais transcendentais para a cubanidade do que essas contínuas, radicais e contrastantes transmigrações geográficas, econômicas e sociais dos seus povoadores, do que essa perene transitoriedade dos propósitos, do que essa vida sempre desenraizada da terra habitada, sempre em desajuste com a sociedade sustentadora. Homens, economias, culturas e desejos, tudo aqui se sentiu forâneo, provisório, mutável, "aves passageiras" sobre o país, em sua costa, contra si e contra sua vontade.

Com os brancos chegaram os negros, primeiro da Espanha, naquela época repleta de escravos da Guiné e do Congo, depois, diretamente de todas as etnias negras. Com eles suas diversas culturas, umas selvagens, como os ciboneyes, outras de barbárie adiantada, como a dos taínos, e algumas de maior complexidade econômica e social, como a dos mandingas, yolofes, hausas, dahomeyanos e yorubas, já com agricultura, escravos, moeda, mercados, comércio externo e governos centralizados e efetivos sobre territórios e populações tão grandes quanto Cuba; culturas intermediárias entre a taína e a azteca, já com metais, mas ainda sem escrita.

Os negros trouxeram com seus corpos seus espíritos, mas não suas instituições e ferramentas. Vieram negros de uma multiplicidade de procedências: raças, línguas, culturas, classes, sexos e idades, misturados nos navios negreiros e nas senzalas, e socialmente nivelados pelo mesmo regime de escravidão. Chegaram arrancados, feridos e destroçados como a cana nos engenhos e como esta, foram moídos, espremidos para lhes tirarem o sumo do trabalho. Não houve outro elemento humano em mais profunda e contínua transmigração de ambientes, de culturas, de classes e de consciência. Foram transportados de uma cultura para outra mais potente, como os indígenas; mas estes sofreram em sua terra natal, e acreditavam que, ao morrer, passavam para o lado invisível de seu próprio mundo cubano. Os negros, com o destino mais cruel, cruzaram os mares em agonia, acreditando que mesmo depois de mortos teriam que voltar, para reviver, lá na África, com seus pais perdidos. Os negros foram arrancados de outro continente, como os brancos; mas foram trazidos sem vontade nem ambição, forçados a deixar seus costumes tribais para aqui se desesperarem na escravidão, enquanto o branco, que abandonava sua terra desesperado, chegava às Índias em orgasmo de esperanças, transformado em amo poderoso. E se os indígenas e castelhanos, em seu desespero, tiveram o amparo e o consolo de suas famílias, de seus parentes, de seus caudilhos e templos, os negros, nada disso puderam encontrar. Mais desgarrados que todos, foram aglomerados em jaulas, como animais, sempre com um sentimento de raiva impotente, sempre com ânsia de fuga, de emancipação, de mudança, e sempre em postura defensiva, de inibição, de dissimulação e de aculturação diante do mundo novo. Nessas condições de desarraigamento e amputação social entre continentes ultraoceânicos, ano após ano, século após século, centenas de milhares de seres humanos foram trazidos a Cuba. Em maior ou menor grau de isolamento, viveram em Cuba, tanto os negros

quanto os brancos. Todos conviveram, em cima ou em baixo, num mesmo ambiente de terror e de força; terror do oprimido pelo castigo, terror do opressor pela revanche; todos fora da justiça, desajustados, fora de si. E todos em um doloroso movimento de transculturação a um novo ambiente cultural.

Depois dos negros chegaram judeus, franceses, anglo-saxões, chineses, povos de várias origens; todos ao novo mundo, todos de passagem, num processo de transplantação mais, ou menos efervescente.

Entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as processo de transição de uma cultura para outra, porque este processo não consiste somente em adquirir uma cultura diferente, o que, a rigor, significa o vocábulo anglo-saxão *acculturation*, porém o processo implica também, necessariamente, na perda, no desenraizamento de uma cultura anterior, o que se poderia chamar de uma desculturação parcial, e, além do mais, significa a criação conseqüente de novos fenômenos culturais, que se poderiam denominar neo-culturação. Enfim, como bem sustenta a escola de Malinowski, em todo enlace de culturas ocorre o mesmo que na cópula genética dos indivíduos: a criança sempre tem algo de seus progenitores, mas sempre algo diferente de cada um dos dois. Na sua totalidade, o processo é uma transculturação, e esse vocábulo compreende todas as fases da sua parábola.

Estas questões de nomenclatura sociológica não são banais para um melhor entendimento dos fenômenos sociais, e menos ainda em Cuba onde, como em nenhum povo da América, sua história é uma intensíssima, complexíssima e incessante transculturação de várias massas humanas, todas elas em vias de transição. O conceito de transculturação é essencial e indispensável para compreender a história de Cuba e, por razões análogas, a de toda a América. Mas este não é o momento oportuno para nos estendermos neste tema.

Ao submeter o neologismo proposto, transculturação, à autoridade irrecusável de Bronislaw Malinowski, o grande mestre contemporâneo da etnografia e da sociologia, mereceu sua imediata aprovação. Com um padrinho tão eminente, não hesitamos em lançar o referido neologismo.